

25/02/81

CEDI - P. I. B.
DATA 02/04/81
COD. 000 00081

NOTA À IMPRENSA E A FUNAI

Joãozinho, da Aldeia Aroeira ao Sul da Rondônia, de volta de uma visita aos Aikaná (ou Salumá), onde já esteve casado, contou ter escutado destes últimos a notícia de que o grupo Mamaletô, que ajudaram a contatar em junho de 77, teria morrido de sarampo. Alguns índios contaram ter visitado a aldeia mamaletô, encontrando somente mortos em estado de putrefação.

Como aconteceu entre vários grupos de Rondônia e noroeste de Mato Grosso, ao longo da temporada de chuvas que ainda continua, houve também entre os Aikaná um surto de sarampo. Na mesma época, conta Joazinho, os Mamaletô passaram alguns dias trabalhando para os Aikaná, ganharam ferramentas e voltaram a sua aldeia.

Segundo os que visitaram os Mamaletô, trazendo a notícia dos mortos, talvez tenha sobrevivido um casal que estava na mata caçando.

Os mamaletô foram contatados em junho de 77 pelo então capataz rural Jorge Falca e alguns aikaná que o acompanharam. Em junho seguinte o antropólogo David Price fez uma visita à sua aldeia, constatando que pelo menos dois índios tinham morrido de gripe depois do primeiro contato.

A localização da aldeia, segundo ele, seria nos lotes 34, 35, 44 ou 45 do INCRA, no alto Rio Capivara, afluente do Rio Pimenta Bueno. A aldeia era composta de 7 casas: uma vazia - seu dono tinha morrido dois dias antes -, as outras abrigando 6 casais e 4 crianças.

O antropólogo comprovou, de outro lado, a filiação lingüística do grupo com os Nambiquara do Norte, identificando-os como "Lacondê".

Não é sabido que a FUNAI tenha tomado qualquer tipo de medidas de assistência a este pequeno grupo nambiquara, nem sequer tomado as providências elementares após contato, tais como as vacinações indispensáveis, nem destinado um funcionário competente para dar atendimento sanitário na dita área.

É da competência da FUNAI informar à opinião pública da veracidade ou não de tão grave notícia.